

## A RIQUEZA METAFÓRICA NO CONTO *MAUNDLANE, O CRIADOR* DE PAULINA CHIZIANE

Márcia Neide dos Santos Costa (UEFS)<sup>1</sup>  
Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Tércia Costa Valverde (UEFS)<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho realizaremos uma análise do conto *Maundlane, o Criador*, presente na obra *As andorinhas* (2013) da escritora moçambicana Paulina Chiziane. A partir desse conto, iremos discutir a história, o processo colonial e pós-colonial moçambicano, por meio das imagens figurativas (metafóricas) presentes na narrativa. No texto *Maundlane, o Criador*, encontramos críticas e reflexões sobre o passado e presente de Moçambique narrados, poeticamente, como uma contação de história – costumes praticados pelos mais velhos ao redor das fogueiras (tradição antiga africana).

**Palavras-chave:** Literatura moçambicana; Linguagem metafórica; Paulina Chiziane

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos literários (UEFS). E-mail: marcianeide@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunto de Literatura (UEFS). E-mail: tecaverde05@outlook.com

## 1 Paulina Chiziane: Uma contadora de histórias

Se queres conhecer a liberdade,  
Segue o rasto das andorinhas  
(Ditado Chope)

A escritora, nascida na província da Gaza, Sul de Moçambique, participou das lutas em prol da independência moçambicana, presenciou guerras civis no seu país e militou na FRELIMO<sup>3</sup> e na OMM<sup>4</sup>, movimentos sociais femininos. Paulina Chiziane enfrentou o preconceito social por ser mulher, negra e escritora. Ela é a primeira mulher a escrever um livro em Moçambique, se tornando, como ela mesma se identifica, uma contadora de histórias. A partir de 1984 começa a contar essas histórias com publicação de contos na imprensa da sua região. E anos depois publica *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1993), *O alegre canto da perdiz* (2008), *Niketche- Uma história de poligamia* (2001), obra premiada (prêmio José Craveirinha 2003) que fala sobre a mulher na sociedade moçambicana. Carmem Lúcia Secco e Maria Geralda Miranda (2013) discute sobre isso ressaltando que:

Não é possível abordar o feminino em Paulina Chiziane sem tratar de reificação sofrida pelas mulheres durante a colonização e sem reavaliar, criticamente, as questões culturais enraizadas no mundo patriarcal de Moçambique, em especial nas etnias patrilineares do sul. (MIRANDA; SECCO, 2013, p. 21-22)

Miranda e Secco contextualizam a obra de Chiziane, relacionando a abordagem do feminino à realidade histórica das mulheres em Moçambique. Uma realidade de colonização e patriarcalismo.

Sobre a escrita da autora moçambicana, Igor Fernando Carmo (2014) afirma que:

A escrita de Chiziane apresenta uma aliança muito maior com a forma narrativa dos contos orais da tradição local do que com a forma clássica do romance. Assim, nas suas obras encontramos um inventário de histórias populares, descrições de rituais mágicos e episódios de conflito entre a tradição e modernidade. (CARMO, 2014, p. 11)

<sup>3</sup> Frente de Libertação Moçambicana- Partido político fundado em 25 de junho de 1962.

<sup>4</sup> Organização da Mulher Moçambicana, fundada em 1973. Movimento a favor da emancipação feminina.

Igor Carmo sugere que a escrita de Chiziane contrapõe àquela tradicional clássica, voltando-se para uma narrativa que preza pela oralidade e a valorização das histórias nativas e populares da nação. Chiziane valoriza essa narrativa, pensando na necessidade de preservar as tradições do país.

## **2 As andorinhas: Potência e rebeldia**

O livro *As andorinhas* (2013) apresenta um título sugestivo como metáfora da liberdade. O pássaro que voa alto e livre, simbolizando o homem que anseia por independência. Nas palavras de Vanessa Teixeira (2013) as Andorinhas:

São conhecidas como as aves que nunca tocam o chão, mantendo-se dessa forma, imaculadas contra a maldade humana. Além disso, nesse conto, esses animais surgem como símbolo da rebeldia e da subversão do *status quo* social. (TEIXIERA, 2013, p. 314)

Dentro dessa ideia de rebeldia e subversão, podemos dizer que *As andorinhas* é uma obra curta, mas que alcança uma potência e força, trazendo temáticas importantes para serem discutidas: formação da identidade moçambicana, colonização, descolonização e a importância histórica das personalidades de Moçambique que fizeram e fazem parte da história da nação. É uma narrativa que protagoniza essas personalidades que antes não se encontrava nas páginas dos livros. Vanessa Ribeiro Teixeira (2013) afirma que Chiziane foi:

Seduzida pelo propósito de recriar ficcionalmente figuras emblemáticas da história de seu país [...]. Por entre as motivações para a realização desse trabalho está o interesse da escritora em reacender na juventude de Moçambique o apreço por nomes vinculados à formação e à valorização da nacionalidade moçambicana. (TEIXIERA, 2013, p. 315)

Paulina Chiziane pode, através dos personagens, contar sua própria história (e da nação) sem precisar que o *outro* europeu colonizador narre. A voz de Chiziane hoje, é uma luta vencida (ou que estar por vencer) das mulheres negras do passado colonial, pois antes, como ilustra Laura Cavalcante Padilha (2002): “O acesso ao texto verbal lhes era duas vezes barrado: por serem mulheres e africanas. Encher de palavras o silêncio histórico foi para elas uma árdua e difícil conquista”. (PADILHA, 2002, p. 171)

*As andorinhas* instiga o debate sobre a independência e a busca de uma identidade nacional, pós processo colonial. Além disso, é uma forma de recuperar a memória dos heróis moçambicanos, como, por exemplo, Eduardo Mondlane<sup>5</sup> (1920- 1969). Esse lutou contra o domínio português e a favor da independência moçambicana.

### **Intertítulo**

Nesse livro vamos encontrar o conto *Maundlane, o Criador* em que narra a história de um menino que perde os pais, buscando alternativas para defender a casa, a família em meios as invasões e explorações do *outro* colonizador:

– Sou órfão de pai de mãe. Sozinho, desafiei o mundo. Descobri que, onde há seres humanos, há sempre uma família. Que o coração é maior que o infinito. Foi assim que muitas mãos me seguraram e me mostraram o caminho para a arca da vida [...] (CHIZIANE, 2013, p. 66)

O menino torna-se grande homem, utiliza-se de estratégias como aprender a língua dos invasores. Portanto ele afirma:

Tenho que aprender tudo e saber tudo. Quero conhecer aquela língua com que os invasores conspiram contra nosso povo. Quero conhecer os livros que usam, para registrar nossa terra em nome deles. Quero conhecer todos os seus truques para lhes poder fintar e escapar. (CHIZIANE, 2013, p. 54-55)

Esse desejo de conhecer tudo é uma forma de luta contra o dominador, um enfrentamento em busca de reconquistas do que foi perdido junto com a História. Esse é o retrato de Mondlane. Portanto, o menino do conto faz referência a personalidade real chamada Eduardo Mondlane, considerado herói de Moçambique por ter lutado em prol da independência, guerreou e enfrentou os colonizadores. Chiziane narra a história desse herói, discutindo liberdade e conquistas nos moldes *Karingana wa Karingana*, ou seja, *era uma vez*: contar e ouvir história dos avós ao redor da fogueira. Na obra pós-colonial de Chiziane, essa ideia de contar e ouvir, remete ao fato de que agora sim *era uma vez* a minha, a nossa história moçambicana, que por muitos anos, durante a colonização, foi apagada, negada. *Era uma vez* a história dos nossos heróis, dos povos

---

<sup>5</sup> O sobrenome verdadeiro de Eduardo é *Mondlane*. No conto de Paulina Chiziane aparece com grafia diferente: *Maundlane*.

moçambicanos. Histórias essas narradas por meio de figuras metafóricas que Chiziane é capaz de trazer para enriquecer e tornar o texto mais leve e contemplativo.

### 3 A história metaforicamente narrada

A linguagem figurativa é um dos recursos muito utilizados em textos literários: romances, crônicas, poesias. No conto de Chiziane, a linguagem metafórica e a ironia são exploradas a fim de realçar o lirismo das narrativas africanas/ Moçambicanas, além de proporcionar formas diferentes de ler as histórias. Por traz das metáforas, há uma crítica a ser feita. Para Lakoff; Johnson (2002) a metáfora é como se:

Fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experiênciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 358)

Esses sentidos, essas sinestésias são percebidas no conto de Chiziane quando o personagem do menino do conto *Maundlane, o Criador* diz:

Os prazeres que gozava na aldeia, por ser Chivambo<sup>6</sup>, já acabaram. Terei que enfrentar sozinho os castigos dos mais velhos, lá nas pastagens, avó, virei ao teu encontro. Caminharei para além do infinito ao encontro do meu pai, para embalar a dor da tua ausência, minha mãe. (CHIZIANE, 2013, p. 56)

A metáfora é mais que linguagem, é pensamento inconsciente impregnado na vida cotidiana, no dia a dia. Na vida cotidiana do personagem do conto, nota-se uma metáfora que se reporta para a história, os antepassados. Chiziane traz as figuras da avó, pai e mãe do garoto como metáforas da sabedoria, do amadurecimento e das caminhadas percorridas. Eles aparecem no conto não somente como familiares do menino (também), mas como a metáfora do saber, da ancestralidade. A família carrega histórias e conhecimentos.

Sardinha (2007) afirma que a metáfora é para gente como a água é para os peixes: estar em toda parte. E por isso mesmo não a percebemos. Se estar em toda parte, a

---

<sup>6</sup> Os antepassados chamam de rei.

metáfora intrinsecamente estar nos costumes, nas narrativas orais, tradições e culturas dos povos moçambicanos.

Ao protagonista do conto, cabe-nos inferir que ele é a metáfora viva do heroísmo, da resistência e das conquistas de Moçambique. A passagem seguinte exemplifica essa ideia: “Vou caminhar sim. Quero abrir as portas desse horizonte que vos esconde, não tenho farnel (matuta), nem sandálias de pneu para seguir os passos do infinito, mas vou marchar, eu vou”. (CHIZIANE, 2013, p. 57). Os caminhos, o horizonte, a marcha, o infinito são expressões metafóricas que Chiziane utiliza para provocar e dizer: Sim, ainda que com dificuldades, dores e lutas, é preciso buscar a liberdade, reafirmar uma identidade num país com um passado de dominação. Mais adiante, o narrador do conto realça a história com lirismo dizendo: “[...] O que está nos túmulos é poeira, é terra, mas é no peito dos vivos que os mortos celebram a eterna presença. Em cada pessoa imagens de duas mulheres bailam nas recordações do menino”. (CHIZIANE, 2013, p. 57). Nesse trecho, estão presentes a memória, as recordações do menino, a presença dos seus descendentes. A linguagem metafórica está representando as reminiscências em busca da recuperação da história perdida, da reconstrução de um passado antes inexistente na história oficial. Chiziane critica, reflete e desconstrói, de modo poético, a história, as conquistas que não são àquelas hegemônicas, europeias. Essas reflexões poéticas, metafóricas continuam no trecho seguinte:

Essa pegada na areia faz lembrar o pé da minha mãe. Este azul, este brilho, fazem lembrar o lenço da minha mãe. Este sorriso, este rosto, parece o rosto da minha avó. E este homem? Tão alto, tão nobre, tão digno, é tal e qual meu pai cujo rosto nem ao menos vi. (CHIZIANE, 2013, p. 57)

Percebemos que as marcas das lembranças presentes no trecho acima são as metáforas do reviver, de reencontrar com as raízes/ origens.

Muitas passagens do livro de Chiziane traduzem, metaforicamente, os sentimentos, anseios e desejos dos personagens (da própria autora e da nação moçambicana) de falar sobre o passado, refletindo o hoje. Fragmentos como: “A terra sangra” (CHIZIANE, 2013, p. 61), remete a ideia de que em Moçambique ainda se mata, morre, guerreia. Uma realidade muito presente, mesmo pós colonização.

Em: “A doença ataca nosso país” (CHIZIANE, 2013, p. 61) sugere as misérias e torturas que fizeram parte da história de luta moçambicana.

Trechos como: “[...] O céu, sem nuvens, é um útero azul” (CHIZIANE, 2013, p. 70) representa a tentativa de nascimento/ renascimento de Moçambique. Quando lemos, por exemplo: “A memória executa, no silêncio, a dança dos pássaros”. (CHIZIANE, 2013, p. 70), podemos inferir que a memória traz o sentimento de libertação, de independência, da nação moçambicana como andorinhas.

Em várias passagens do livro, o leitor se depara com a história de Moçambique narrada metaforicamente por Paulina Chiziane.

### **Considerações finais**

Com este trabalho, buscamos trazer, a partir do conto *Maundlane, o Criador*, da escritora Paulina Chiziane, a linguagem figurativa, as imagens poéticas que a autora utiliza como meio de falar da resistência, da história moçambicana e da importância dos que fizeram parte dessa história. Dessa forma, Chiziane se deixa levar pela linguagem figurativa, pelo lirismo e faz uma releitura do passado colonial. Na obra, *As andorinhas*, tanto os aspectos temáticos, quanto os literários, ganham força nos dando a dimensão da importância de uma obra moçambicana para os estudos literários e também sociológicos.

A análise da narrativa de Paulina Chiziane, não só amplia as discussões sobre o pós- colonialismo moçambicano, mas evidencia uma literatura que é também política e de resistência. As obras de Chiziane encontra-se nesse contexto de militância, reafirmando a escrita feminina negra.

## Referências

CARMO, Igor Fernando. **Dimensões do herói moçambicano em As andorinhas de Paulina Chiziane**. São Paulo: USP, 2014.

CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. As mulheres que criam reis – Uma leitura de Maundlan, o Criador, de Paulina Chiziane. In: MIRANDA, Maria Geralda de.; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

SARDINHA, T.B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

MIRANDA, Maria Geralda de.; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

SANTOS, R. L. **Metáforas lexicais em estruturas verbais e mentais em notícias de popularização da ciência**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos Pactos, outras ficções: ensaios sobre literatura Afro-luso-brasileira**. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

## SITES

Disponível em: <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/39504-omm-da-emancipacao-a-igualdade-de-oportunidades.html>. Acesso em 08/ 09/2018.